



Texto 5
Hierarquias Sociais
e
Hierarquias culturais

Denys Cuche

De que se trata?

- Abordagem da **problemática** das relações que se estabelecem entre os diferentes grupos sociais e culturais
- Questiona os mecanismos que estão por detrás destas relações

A cultura como produção histórica

- A cultura é uma construção histórica, a partir da história das relações dos grupos sociais uns com ou outros.
- Para analisar um sistema cultural é necessário analisar a situação sócio-histórica que a produz tal como é (Balandier 1995), (os factos à luz do seu tempo).
- As culturas nascem das relações sociais que são sempre desiguais, a hierarquia social dá origem a uma hierarquia cultural

Cultura dominante e cultura dominada

Não significa que a primeira se imponha à segunda

- Num espaço social específico existe sempre uma hierarquia cultural, que compreende a cultura da classe dominante e a cultura da classe dominada.
- “cultura dominante” e “cultura dominada”, não significa que a primeira detenha uma superioridade intrínseca sobre a segunda, o que se pretende dizer é que existem grupos sociais que mantêm entre si relações de dominação e de subordinação

**A dominação cultural exige um trabalho de inculcação.
Sofrer a dominação não significa a sua plena aceitação.**

- A cultura dominada não pode deixar de ter em conta a cultura dominante , própria do grupo social que detém o poder, porque é organizado, à qual lhe é possível resistir, na medida em que uma cultura dominante não pode impor-se absolutamente a uma cultura dominada, da mesma maneira como um grupo pode fazê-lo perante outro mais fraco

Por isso as culturas populares são:

- As culturas populares são culturas de grupos sociais subalternos, construídas numa situação de dominação.
- Os dominados resistem à dominação cultural fazendo uso do escárnio, da provocação e do mau gosto voluntariamente exibido. Neste sentido as culturas populares são também culturas de contestação

- Segundo Michel de Certeau (1980), *“a cultura popular é a cultura comum das pessoas comuns, fruto de um quotidiano, em actividades banais e a cada dia renovadas.”*
- Assim sendo: A criatividade popular é multiforme e disseminada e para a apreendermos devemos primeiro apreender a inteligência prática das pessoas comuns , sobretudo no uso que fazem da produção de massa

Os usos devem de ser analisados por si próprios, pois são autênticas “artes de fazer”, que no dizer de Certeau se aparentam ao “*bricolage*”.

- A uma produção de massa, racionalizada, padronizada corresponde uma outra “produção”, de “maneiras de lidar com”, maneiras de utilizar os produtos impostos pela ordem económica dominante. A esta relação entre produção e consumo está subjacente uma *cultura de consumo*, contudo, o consumidor não pode ser identificado ou qualificado através dos produtos que assimila, porque entre ele e os produtos que utiliza há a salientar a distância do uso que lhes dá.

A metáfora do bricolage aplica-se para caracterizar o modo de criatividade próprio das culturas populares (Certeau, 1980).

- *A criação consiste num arranjo novo de elementos anteriores cuja natureza não pode ser modificada. Estes elementos são resíduos, fragmentos, destroços que , através da operação de bricolage, passarão a constituir um conjunto estruturado original. Uma nova significação nasce da conclusão do novo arranjo Lévi-Strauss(1962)*

- Nos lugares e nos momentos em que os membros de grupos populares se sentem entre si esquecem a dominação social
- É o esquecimento da dominação e não a resistência à dominação que permite às classes populares as actividades culturais autónomas.
- a capacidade de alteridade cultural dos mais fracos é simbolicamente mais produtiva quando estes se encontram à distância dos mais fortes, escapando assim ao confronto.

Cultura de massa

- A cultura de massa é relativa à questão do consumo da cultura produzida pelos mass media.
- Mais profunda nas classes médias do que nas classes populares, porque é essencial ter-se em conta as condições de recepção.
- a receptividade das classes populares à mensagem mediática é muito selectiva, pois adoptam uma atitude de prudência e de cepticismo perante tudo aquilo que não emana do meio popular.

Sobre a cultura de classes

- Os sistemas de valores, os modelos de comportamento e os princípios de educação variam sensivelmente de uma classe para a outra. Estas diferenças culturais podem observar-se nas práticas quotidianas mais comuns, como por exemplo os estilos de alimentação que se revelam conformes às classes sociais. Uma ida ao supermercado, que até pode dar a impressão de alguma homogeneização nos hábitos de consumo esconde escolhas contrastantes

Como por exemplo:

- As práticas alimentares estão ligadas a gostos enraizados na infância . As clivagens sociais vão inscrever-se na escolha dos alimentos e na pretensa qualidade deles, como por exemplo, há carnes “burguesas” como o carneiro e a vitela e há carnes “populares” como o porco e o coelho.

Max Weber e a emergência da classe dos empresários capitalistas

- É a Max Weber (1864-1920), que devemos uma das primeiras tentativas de articulação entre factos culturais e classes sociais.
- O ethos capitalista implica a consciência profissional e a valorização do trabalho, já não é só o meio através do qual se obtêm os recursos necessários à vida.
- Busca o lucro (medido pela rendibilidade do capital investido) e a acumulação de capital.

Quem são estes novos empresários que introduzem uma nova forma de comportamento social e económico?

São protestantes puritanos, diz Weber.

os lucros devem ser utilizados de maneira socialmente útil, convertendo-os em investimentos, uma posição que se afasta da lógica da prodigalidade e da ostentação na fruição estéril dos bens.

Pelo seu trabalho o homem contribui para tornar manifesta a glória de Deus. Não dispõe de outros meios para chegar a Deus, que não seja a submissão ao seu destino e servir a Deus com o seu comportamento ascético e o seu ardor e dedicação ao trabalho.

A cultura operária

- O sentimento profundamente experimentado de pertença a uma comunidade de vida e de destino
- traduz-se por um grande conformismo cultural e de modo bem concreto por opções orçamentais que concedem a prioridade aos bens que se prestam a uma utilização colectiva e por isso mesmo ao reforço da solidariedade familiar.

Mudanças visíveis na classe operária

- As comunidades operárias agrupadas num mesmo bairro que desenvolviam uma sociabilidade intensa de vizinhança praticamente desapareceram. Os particularismos culturais da classe operária tais como linguagem, vestuário ou habitação é hoje muito menos visível. O modo de vida operário é mais privatizado no sentido de familiar.

A cultura burguesa

- Os membros da cultura burguesa nem por isso sentem orgulho da sua cultura, por isso não a reivindicam e daí vem a dificuldade no seu estudo.
- Três características fundamentais: a atenção prestada aos pormenores, sobretudo da ordem do traje, pequenos detalhes que fazem a distinção; o controlo de si, que advém do ascetismo, que Max Weber, tinha já como uma propriedade essencial da burguesia capitalista e, por último, a ritualização das práticas da vida quotidiana, das quais uma delas são as maneiras de mesa (Béatrix Le Wita, 1988)

- o uso constante de uma memória genealógica familiar, profunda e precisa
- a função primordial de socialização das instituições privadas, na sua esmagadora maioria católicas cujo modelo histórico é o colégio dos Jesuítas, continuador muito eficaz da educação familiar (Saint-Martin, 1990; Faguer, 1991).

Bourdieu e a noção de “Habitus”

- O habitus, é aquilo que caracteriza uma classe ou um grupo social por comparação com os outros que não partilham das mesmas condições sociais.
- O habitus é aquilo que permite aos indivíduos orientarem-se no espaço social que é o seu e adoptarem práticas consonantes com a sua pertença social, e que torna possível ao indivíduo a elaboração de estratégias antecipadoras, mas nem por isso menos guiadas por esquemas inconscientes, “esquemas de percepção, de pensamento e de acção”, que resultam do processo de educação e de socialização.